

MINISTÉRIO DE PREGAÇÃO - RCCBRASIL

PROPOSTA DE LEITURA E ESTUDO DA CARTA AOS ROMANOS

2020



Renovação Carismática Católica
Brasil



MINISTÉRIO DE PREGAÇÃO - RCCBRASIL

PROPOSTA DE LEITURA E ESTUDO DA CARTA AOS ROMANOS

2020



Renovação Carismática Católica
Brasil

SUMÁRIO

ORIENTAÇÕES E SUGESTÕES:	5
Capítulos 1-3	7
Capítulos 4-8	8
Adão e Cristo	11
Capítulos 9-11	16
Capítulos 12-16	16
ADENDO: A Lei em Paulo	18
BREVE ESTUDO SOBRE A VIDA DO APÓSTOLO PAULO	21
Quem é Paulo	21
Paulo, o fariseu	23
A “conversão”	24
BIBLIOGRAFIA	29

Amados irmãos pregadores e pregadoras do Brasil,
A Paz de Jesus!
Viva a Palavra de Deus!

Iniciamos um novo tempo! Os próximos 50 anos da RCC no Brasil. É um recomeço profético e todo ele deve ser permeado de muita coragem e garra para que JESUS SEJA O SENHOR de toda a humanidade.

O Papa Francisco em sua homilia do dia 28 de janeiro de 2020 nos disse assim: ***“O Evangelho não irá em frente com evangelizadores enfadonhos, amargurados. Não. Somente irá em frente com evangelizadores alegres e cheios de vida.”***

Nós, os pregadores, temos uma grande responsabilidade nesse novo tempo, a de ANUNCIAR JESUS com toda força do nosso coração e para isso precisamos ler, amar e nos aprofundar em sua PALAVRA, para que, ao ser pregada, ela toque profundamente os corações e gere vida em abundância. Ela precisa ser pregada para que JESUS SEJA O SENHOR DE TODOS! Precisamos ler mais a BÍBLIA! Precisamos mergulhar em cada palavra nela contida e deixar que ela nos AMOLDE a Cristo, nosso Senhor! Sabemos que, além das Sagradas Escrituras, nossa fé também se fundamenta na Sagrada Tradição e no Sagrado Magistério que nos guiam livrando-nos do erro.

São Gregório Magno nos ensina: ***“A Bíblia é um espelho que reflete nossa mente. Nela vemos nossa face interior. Das escrituras aprendemos nossas belezas e deformidades espirituais. E ali também descobrimos o progresso que estamos fazendo, e quão longe estamos da perfeição.”***

Somos chamados nesse tempo (e sempre o fomos) para dar À PALAVRA DE DEUS o lugar que lhe é devido em nossas vidas.

Diante disto, encaminho esta **Proposta de LEITURA e REFLEXÃO sobre a CARTA AOS ROMANOS**, carta esta de onde foi extraída a Palavra do ano de 2020 para a RCCBRASIL-Rm 12,2.

Agradeço de todo meu coração, ao **Frei Mauro Aristides Strabeli**, que é o autor deste estudo (que nesta proposta está adaptada e em parte), pela gentileza em nos autorizar seu uso.

Esta é a primeira de uma série de propostas que faremos ao longo dos próximos anos.

Na certeza de ver todos os pregadores do Brasil se alimentando desta PALAVRA, envio um abraço fraterno.

Leandro Rabello
Coordenador Nacional do Ministério de Pregação RCCBRASIL

ORIENTAÇÕES E SUGESTÕES:

1. Em primeiro lugar vale ressaltar que esta é apenas uma proposta. Não é uma obrigatoriedade. Cada pregador (ou grupo de pregadores) pode discernir se deseja ou não realizá-la;
2. **Não há uma orientação única sobre como esta proposta se realizará pelo Brasil afora.** Em cada realidade, poderá ser feito um discernimento sobre como se fará esta proposta. Ela pode ser feita reunindo os pregadores do mesmo grupo de oração, ou da mesma paróquia, ou da mesma cidade, região, vicariato, diocese etc. Deve ser feita de acordo com a realidade de cada local;
3. Não há pré-requisitos para participar dela. Todos os pregadores podem ser convidados;
4. Quanto à periodicidade dos encontros também pode ficar a critério de cada realidade. Sugiro que se organize de um modo que o maior número de pregadores possível possa participar;
5. Uma boa sugestão é ler o estudo anteriormente e reunirem para ler o **TEXTO BÍBLICO juntos**. Deixar o Poder da Palavra, fundamentado nas informações sobre a carta e sobre o Apóstolo, tocar nos corações. Contudo, REPITO, é apenas uma **SUGESTÃO!**;
6. Seria muito proveitoso cada pregador ter um “caderninho ou bloquinho” para anotar tudo que sentiu, rezou, percebeu durante sua leitura da carta e participação nas reuniões;
7. Reitero que todos os tópicos acima são apenas sugestões e elas podem ser substituídas e adaptadas para cada realidade.
8. Um pedido: que este estudo e leitura sejam feitos **reunindo** os pregadores e não cada um sozinho, por si... Será uma ótima oportunidade para nos enriquecermos com a partilha do outro.
9. Caso encontrem no material alguma expressão que não conheçam, peço que busquem a informação com sacerdotes, dicionários bíblicos etc.

**BOM ESTUDO!!!
QUE O APÓSTOLO PAULO
INTERCEDA POR NÓS!**

BREVE ESTUDO DA CARTA AOS ROMANOS

Roma era a capital do império. Por esse tempo, deveria ter, segundo os historiadores, cerca de um milhão de habitantes. A maioria pertencia à classe popular: plebeus, libertos, escravos e imigrantes. A classe alta pertencia: a aristocracia senatorial, os decuriões e os nobres (“Decurião era um oficial do exército. O exército romano estava fundado sobre a divisão em 30 **cúrias**; cada cúria devia fornecer uma **centúria**, isto é cem soldados e mais uma **decúria**, isto é cem soldados e mais uma **decúria**, isto dez cavaleiros com seus cavalos. Reunidas as trinta centúrias e as trinta decúrias formava-se a **legião** (três mil e trezentos soldados)” (Cf. INDRO M., op, cit.p.21).

Havia em Roma colônias de imigrantes, e dentre esses, os judeus formam um grupo numeroso e com certa influência. Foram expulsos de Roma por Cláudio em 49, mas começaram a voltar, quando Cláudio morreu em 54. Os Atos 18,1-3 falam que Paulo encontrou em Corinto Áquila e Priscila, sua mulher – judeus expulsos de Roma.

Não se conhece bem a origem da comunidade cristã romana. Sabe-se que era uma comunidade viva, composta de judeus cristãos e greco-cristãos. É para esse grupo que São Paulo escreve. Mas nem ele nem os Atos falam da presença de Pedro em Roma. A primeira informação nesse sentido aparece no século I com a carta de São Clemente (I Clem. 5,1-6,1) e depois confirmada por Inácio de Antioquia. A 1º Pe. 5,13 é a única alusão à Igreja de Roma feita pelo próprio Pedro.

A Carta aos Romanos é colocada pelo fim da terceira viagem apostólica de Paulo (53-58); aí pelo ano 57. A Carta foi enviada de Corinto como preparação de sua ida a Roma e exposição de sua doutrina, que conflitava com os ensinamentos e tradições do judaizantes. A Carta retoma e aprofunda a temática da carta aos Gálatas: a Lei, obras da Lei, a justificação e a fé. (Cf. GRELOT, **op.cit.** 111ss).

É considerada como a carta mais importante de Paulo e de todos os demais escritos neo-testamentários. É um Tratado de Teologia.

Em 1,1-17 ensina ele que a fé que liberta é mais ortopraxis do que ortodoxia. Deus se revela a todos os homens. Os “âmbitos fechados” da revelação divina (Judaísmo e Cristianismo) não detêm o monopólio da presença de Deus, qual ultrapassa qualquer instituição eclesial.

“A Justiça de Deus se revela da fé para fé - conforme está escrito: o justo vive para a fé” (1,17) como ele diz, mostra exatamente isso: Deus oferece a salvação (=Justiça) a todos e de modos diversos. “**Da fé para fé**” isto é desde a fé incipiente e obscura no homem que encontra Deus na contemplação de suas obras (1,20) até a Fé iluminada e plena daqueles que acolhem a mensagem de Jesus e a Ele aderem. O homem religioso que se encontra fora do âmbito judaico- cristão pode ter e (tem) uma atitude de fé também.

● Capítulos 1-3

De modos diversos os mundos pagão e judeu são lugares da manifestação de Deus ao homem. Mas não os únicos e nem definitivos. A definitiva revelação se dará em Cristo e no Espírito.

Paulo usa três termos para designar essa manifestação de Deus: *-phanerósis*= manifestação; *apokálipsis*= revelação e *katásárka* = encarnação

O grau de intensidade é claro, segundo Paulo: *manifestação* (phanerósis) aos pagãos; *revelação* (apokálipsis) aos judeus e *encarnação* (katásárka) na nova economia.

Os pagãos - Paulo discute as conseqüências que deveriam ser tiradas desse conhecimento de Deus pelos pagãos: o homem “natural” podia realizar uma caminhada para Deus, embora imperfeitamente. Mas, mantendo “a verdade prisioneira da injustiça” (1,18) (isto é, podendo tirar conclusões éticas para a vida pessoal desse conhecimento de Deus) fizeram dessa verdade (que conheceram) um motivo de injustiça (= prevaricação). Por isso são responsáveis, aqueles que podendo ensiná-los (mestres, gnósticos) não o fazem. Pessoalmente o pagão pode salvar-se mediante essa manifestação de Deus na natureza e na vida. Através da fé natural nesse Deus que se manifesta.

Os judeus - Possuem eles já uma revelação desse Deus escrita nos livros sagrados, a **Lei**, a Torá. Esse conhecimento de Deus era um motivo de orgulho nacional. Eles, judeus, era o povo escolhido desse Deus e gabavam, gloriavam-se do seu Deus. Como os pagãos também prevaricavam. Até pior. Os pagãos conheciam a Deus apenas através da natureza; o judeu através da revelação. São então mais culpados. A falta de coerência e de testemunho impediam até os outros de acreditarem (cf. 2,21-22.24)~

Paulo denunciava os dois mundos religiosos: o natural e o judeu. Os líderes de ambos os mundos desviavam os homens, que poderiam por si (e pela revelação) viver coerentemente com aquilo que acreditavam.

Coloca Jesus Cristo como a plena revelação de Deus, e a oferta universal de reconciliação (*kapporeth* 3,24-31). Pela sua morte e ressurreição o homem deixa de procurar por si a salvação. Essa é dada por Deus mediante a oferta de Jesus. A revelação de Jesus é para todos: Judeus e pagãos; é universal. É pela fé nele que o homem pode agora ser justificado.

● Capítulos 4-8

Abraão é o exemplo dessa fé; o homem que se reconhece indigente e vazio, apóia-se em Deus. Quando ele fez esse ato de fé em Deus, ele não era “judeu” pois não fora circuncidado. Por isso seu ato de fé tem muito mais valor. Ele é para S. Paulo do cristão, o tipo. Crê, apóia-se em Deus. É justificado por essa adesão, por essa fé.

No cap. 5 Paulo fala do resultado da justificação do homem que crê em Cristo: de pecador, o homem passa a salvação, que se inicia aqui e se completara definitivamente um dia. A situação do cristão é de esperança: *já está* reconciliado com Deus mas ainda não superou todos os impedimentos para uma salvação definitiva, como o pecado, a morte. A morte e ressurreição de Jesus Cristo dão ao homem a certeza de que ele poderá vencer a morte também.

Nesse cap. 5 Paulo fala ainda do chamado “pecado original” (5,12-21). É um trecho bastante complicado. “As interpretações, não só são diversas, mas também difíceis e técnicas”. São Paulo escrevia para o povo; certamente a comunidade já tinha sido instruída pelo apóstolo sobre essa tema difícil. Fazemos observar que as expressões “pecado” e “morte” em Paulo (e na Bíblia) não tem o sentido que a teologia posterior lhes deu. O pecado não é meramente um ato moral livremente realizado e totalmente imputável a - cada pessoa. Existe um pecado objetivo que é a atmosfera contaminada de mal onde vivemos, independentemente de nossa vontade. A morte não é também o mero desenlace biológico, mas é considerada aqui por Paulo como esse “mistério” que domina a natureza humana. Morrer é uma condição humana; mesmo sem pecado o homem morreria, passaria (“uma tranquila passagem” porém.) Paulo fala nesse texto que a gente só pode entender esse mistério da morte com o dom da graça de Deus por meio de Jesus Cristo. Ele morrendo deu-nos o sentido : a morte não pode ser encarada como frustração, fracasso, apenas. Mas ela tem um germe de vida, de ressurreição. Nesse texto de Paulo a morte não tem nada a ver com o pecado. Paulo está fazendo aqui um midrash: parte de uma narração bíblica: pecado de Adão. Sobre isso constrói sua mensagem que é exatamente o contrário do pecado: é vida. Adão - (= homem) é pecador; Jesus (= novo homem) é salvador.

Paulo simplesmente está mostrando que “na história humana existe um clima contaminado na ordem moral: nascemos em um mundo envolvido pelo pecado. Esta estrutura de pecado, esta tendência ao pecado, não se devem a forças superiores ao homem; nada mais são do que a soma dos pecados individuais que vão deixando essa camada de poluição na atmosfera. Cristo veio dissipar essa poluição atmosférica da humanidade” (González-Ruiz, op. cit. p. 146).

São Paulo elaborou essa reflexão no estilo midrashico. - E na influência de seu

pensamento construiu frases, elaborou umas ideias, retomou outras, e deixou esse texto, que tem apenas a finalidade de mostrar o aspecto positivo da ressurreição de Jesus Cristo sobre a vida do cristão, mais do que pesquisar sobre o pecado, conseqüências do pecado, morte.

Sobre esse tema *Adão-Cristo/pecado-graça/morte e vida* podemos aprofundar um pouco mais:

Figura central na teologia paulina é Jesus Cristo. Nele se resume todo o Plano de salvação de Deus. Ele é o Libertador. Para aceitar Jesus Cristo é preciso abandonar estruturas velhas, como o paganismo, as mitologias, o legalismo. E uma vez aceito o Senhor Jesus é necessário assumir compromisso com ele, compromisso que envolve plena integração fraterna, sem diferenças sociais, de sexo, de cultura, nações, raças. Jesus integra - como Paulo escrevera aos gálatas pouco antes desta carta: “Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um em Jesus Cristo” (Gl 3,18).

O cristianismo era pois, algo novo que surgia, ou como diz Paulo, era um broto novo nascido do velho tronco do Judaísmo (Rm 9-11). Paulo melhor que ninguém era capaz de entender e trabalhar esse tema, uma vez que ele era um judeu-fariseu de grande formação, cultura e convicção bem como um convertido “apóstolo de Jesus Cristo”. Podia fazer a verdadeira síntese entre a Antiga e a Nova Aliança. Por isso nessa Carta ele discute e condena o paganismo, que deliberadamente se opõe à revelação de Deus manifestada no mundo, na criação. Faz restrições ao comportamento dos judeus condenando seu apego à lei e às tradições julgando-se únicos herdeiros das promessas de Deus. Paulo discute a Lei, a fé, Abraão mostrando que agora, a Promessa de salvação sai das mãos dos judeus e passa para todos aqueles que crerem no Senhor Jesus. A salvação não é propriedade particular.

A teologia de Paulo tem certamente um substrato do cristianismo das origens, das fórmulas de fé e da práxis sacramental eucarística da Igreja primitiva; está ligada ao cristianismo das comunidades palestinas e siríacas. Sua teologia tem, sem dúvida, um enraizamento histórico, mas seu pensamento é original e ele re-elabora todos os conceitos teológicos tradicionais. Longe de perdê-los, ele os enriquece e aprofunda.

Culturalmente Paulo foi eclético no seu pensamento. Era de espírito aberto, tanto ao judaísmo quanto ao helenismo, tomando de um e de outros aquilo que era útil, valioso e importante para compor seu pensamento e expressá-lo (como as categorias, termos e vocabulários judaico-gregos).. Além disso ele era cidadão de dois mundos: judaico-greco e o romano (oriental e ocidental) Poderíamos então dizer que suas cartas representam um entroncamento cultural com tradições da Escritura judaica, com ideias teológicas e métodos exegéticos do judaísmo e trechos ou inserções

importantes da cultura e da filosofia popular helenista do tempo. Paulo é, então, no âmbito do cristianismo do I século a *antítese universalista à tese particularista* dos judeus cristãos representados por Pedro

Nessa Carta aos Romanos ele escreve com espírito ecumênico: o evangelho de *Jesus Cristo* é a força operativa de Deus que pela fé reunirá todos os povos e nações numa nova humanidade de reconciliados com Deus, a qual, destruída toda barreira de privilégios da Lei e do fato de os pagãos terem sido privados dela, possam todos formar uma autêntica fraternidade cristã.

O ponto referencial de sua teologia é, sem dúvida, Jesus Cristo de Nazaré, crucificado e ressuscitado. Ele é o único e definitivo caminho da salvação para todos os homens. No epistolário Paulino Jesus é o centro histórico-salvífico:

- O *anúncio cristão* é o “Evangelho de Cristo” (isto é, o anúncio diz respeito à pessoa de Jesus e ao evento de sua paixão, morte e Ressurreição [Rm 1,9; 1Cor 9,12; 2Cor 2,12; 9,13; 10,14; Gl 1,7; Fl 1,27; 1Ts 3,2]);
- A *fé* é adesão a ele, Cristo (Gl 2,16; Fl 1,29; 3,9; Rm 3,22.26; Gl 2,16.20; 3,22-26; Fm 5];
- A *existência cristã* se define como um “ser em Cristo”; “no Senhor” (isto é, a existência cristã é participação real de sua vida de ressuscitado e não apenas “mística”];
- A *lei de Cristo* é que rege agora o agir cristão (Gl 6,2);
- A *salvação última* consiste na união com ele: “... estaremos sempre com o Senhor” (1Ts 4,17; 5,10; Fl 1,23).
- Jesus é o (*novo-Adão*) protótipo da nova humanidade, assim como Adão foi o da antiga (Rm 5,12-21; 1Cor 15,21-22.45-49).
- Jesus é a chave interpretativa do homem. Perdição e salvação, morte e vida, escravidão e liberdade são condições existenciais que se definem sempre em relação a Cristo. Quem caminhar longe de sua pessoa, caminha para a perdição (Fl 3,4-11).

O binômio teológico paulino: Adão/Cristo (pecado-graça; morte-vida).

Nos quatro primeiros capítulos da carta Paulo trabalha o tema: gratuidade da salvação pela fé: a justiça da fé (1,16-17); em Jesus Cristo a justiça de Deus é revelada a todos (3,21-31); a justificação de Abraão pela fé (4,1-25). Deus pode salvar a todos através de Jesus Cristo. Quem nele crê será salvo.

Se até aqui o tema tratado foi o da *justificação*, do capítulo cinco em diante o tema será a *salvação*. A justificação cobriu o passado; a salvação é caminho para o futuro.

A salvação vem ligada à morte de Cristo, à sua vida-ressurreição e ao Espírito Santo – que opera, faz ser, em nossos corações essa salvação (5,5).

O capítulo cinco é um capítulo programático sobre a teologia paulina da justificação, pecado e graça. Em 5,12-21 esse tema é desenvolvido através das figuras contrapostas: Adão/Cristo, reino do pecado/reino da graça; morte e vida.

Adão e Cristo (breve análise de Rm 5,12-21)

O capítulo 5 é composto por dois blocos: 5,1-11 e 5,12-21. O primeiro bloco tem como tema teológico o grande amor de Deus manifestado em Jesus Cristo que morreu por nós, pecadores (5,6) e deu-nos a vida. O segundo bloco tem grandes diferenças em relação ao primeiro. Há mudança de gênero literário em relação ao trecho 5,1-11, que é literariamente uma exposição sobre a existência cristã, a experiência da fé, daqueles que crêem. Por isso Paulo usa o verbo sempre na primeira pessoa do plural: *estamos* em paz (vers. 1), *temos* acesso (v.2), *nos mantemos* (v.2), *nos gloriamos* (vv.2^a.3.11), o amor de Deus foi derramado em *nossos* corações, pelo Espírito Santo que *nos* foi dado (v.5), quando *éramos* fracos (v. 6. 8^b), *fomos* reconciliados (v. 11), *seremos* salvos (vv. 9.10).

No segundo bloco (5,12-21) ele passa da descrição da vida e experiências cristãs para uma exposição doutrinária argumentativa. Essa mudança é feita no vers. 12 pela conjunção causal “*assim como*” (no latim: *propterea*, no grego *diátoûto*). Paulo faz uma dedução. Ele trabalha com o paralelismo antitético *Cristo-Adão*. No bloco anterior ele afirma que a existência cristã é regida pelo sinal da *vida*; os cristãos vivem em paz com Deus na esperança da salvação final, da plena vida. Por isso as forças do mal e da morte não têm poder sobre eles. Cristo as venceu pela ressurreição. Por meio dele podemos viver livres do poder do pecado e livres da morte eterna.

O paralelismo comparativo usado por Paulo parece esconder um contraste real: se Adão é considerado o responsável pela entrada do pecado e da morte no mundo, Cristo é o responsável pela entrada da justiça e da vida. De um lado há desobediência, doutro, obediência (v.19).

Não se pode certamente afirmar que com a equação formal Adão/Cristo que Paulo faz dê a cada um dos termos igual valor, isto é, que Adão é negativo e Cristo, positivo, ou que Adão está para a humanidade pecadora como Cristo para a humanidade resgatada. Ele dá valor maior à ação de Cristo: a eficácia da ação de Cristo supera infinitamente a ação negativa de Adão. Isso pode ser visto nos vers. 15 e 17 onde Le usa o advérbio “*muito mais*” (*mállon*). A superabundância da ação de

Cristo é sublinhada no vers. 20: onde foi grande o pecado, maior foi a graça.

O paralelismo Adão/Cristo, é mais formal que real, pois S. Paulo usa esse esquema apenas para acentuar uma ideia: Jesus Cristo trouxe-nos a justiça, a vida, a graça. Ele fundou uma nova humanidade. Para ressaltar essa ideia, ele contrapõe o agir de Adão, o homem pecador. Do mesmo modo como todos são pecadores como Adão, assim também todos se tornam justificados por Jesus Cristo. Ele não afirma que Adão é a causa de sermos pecadores, mas que ele também é pecador, exatamente porque também nós somos pecadores. O pecado que estava em Adão é o mesmo que está em nós; o que ele, (1.º homem) fez, nós também o fazemos. Desse modo há uma continuidade da maldade, do (desde) primeiro homem, Adam, ao último.

O esquema de Paulo parece ser o de relação causal: **um/todos**. Ele não afirma que o 1.º Adam é o culpado pelo destino de todos. Vale-se apenas do pecado de Adão (isto é, do Adam =homem) como pano de fundo para ressaltar a ação de Cristo. Isso fica claro nas formas que ele usa: por causa *de um*; através *de um*; pela falta *de um*; a partir do pecado *de um*; pela desobediência *de um*. A essa ação negativa figurada no homem Adão, ele contrapõe a ação de Cristo, novo homem (*adam*): por meio *de um* (Jesus Cristo, ver. 17), pela justiça *de um* (ver. 18); pela obediência *de um* (ver. 19).

Parece que Paulo usa o esquema da solidariedade: a humanidade está ligada a tal ponto àqueles homens (velho e novo Adão) que faz depender deles o seu destino.

A ação de Adão vem qualificada com termos de *negatividade*: queda (v.15: *paráptma*= delito, não pecado), transgressão (v. 14: *parábasis*=transgressão), ato pecaminoso (v 14: *hamarthésantas*= pecando), desobediência(v.19: *parakoê* – desobediência de um). O resultado de tudo isso é que todos que procedem de Adão são como ele pecadores (*hamartolói*), isto é, estão sob o domínio do poder do pecado (*hehamartía*). E seu fim, seu destino é a morte (hóthánatos), e a condenação eterna (*katákrima* = condemnatio).

Por outro lado as ações do 2.º Adam, **Jesus Cristo**, são designadas com tyermos de **positividade**: justiça (*dikaiosyne*) e obediência (*hypakoês*).

O resultado dos que incorporam, a ação positiva de Cristo é um estado de justiça (*dikaiosyne*), uma justiça recebida como dom (*dôrea, dorêma*) da graça de Deus (*charis*).. O fim desses será a vida eterna (*dzôe, dzoêaiônios*).

Em poucas palavras, esse esquema paulino de Adão/Cristo ou um/todos serve para ele afirmar respectivamente a realidade do reino do pecado e da morte, que é oposto, antitético, ao reino da justiça e da Vida.

É bom observar também mais um detalhe nesse esquema de Paulo: ele fala do *poder negativo* do 1.º Adão com verbos de tempo passado e do *poder*

positivo de Jesus com verbos em tempo futuro:

V. 17: “Porque se através de um só homem reinou (*ebasíleusen*) a morte (vv. 14.17) por causa da falta de um só, com muito mais razão reinarão (*basiléusousin*) na vida aqueles que recebem a abundância da graça e do dom da justiça, por meio de um só: Jesus Cristo”.

V.19: “Assim como pela desobediência de um só homem todos se fizeram pecadores (*amartolóikatestáthesan*= tornar-se pecador)... pela obediência de um só, todos se tornarão justos (*dikáioikatasthésontai*).

Não é um esquema mecânico isto é de caráter de fatal e necessário envolvimento de todos os homens na esfera de ação de um só. Isso seria gnosticismo. Paulo se distancia da concepção própria do mito gnóstico que via humanidade como uma massa de vítimas ignorantes e sem culpa de um trágico acontecimento originário.

Ele introduz no seu esquema elementos decisivos de liberdade e responsabilidade humanas afirmando que a influência de um Adão sobre os demais homens está condicionada, porém, pela adesão pessoal de cada um. Cada um é que “faz” o seu destino. Isso parece ficar claro já no vers. 12

no qual Paulo liga à causalidade da transgressão *pessoal de Adão* a decisão negativa de *todos os homens*: “através de um só...todos pecaram” (*panteshémarton*). Por outras palavras: a humanidade é solidária a Adão no pecar. Ele e todos pecaram e pecam . Um

significativo texto judaico (2Baruc 54,15.19) diz exatamente isso: “ Adão não foi sozinho a causa do mal, pois todos nós, cada um por si, é o próprio Adão”. E do mesmo modo em relação a Cristo: a salvação, a participação no reino não se realiza somente pela ação de Cristo senão também pela adesão de cada um, de todo aquele que a acolher. Este é o sentido do v.17:

“Porque se através de um só homem reinou a morte por causa da falta de um só, *com muito mais razão* reinarão na vida aqueles que recebem a abundância da graça e do dom da justiça por meio de um só: Jesus Cristo”. Fica claro que a justificação, a salvação não são um fato mágico. Exigem envolvimento, comprometimento.

Usando esse paralelismo que é assimétrico e antitético Paulo não quer ressaltar a transgressão de Adão e sua influência na humanidade. O ponto central no seu paralelismo é a ação libertadora de Cristo como transparece na frase com a preposição causal: “Assim como (*ei gar*) ..assim também (*pollómallon*,, muito mais).É o segundo termo que interessa a Paulo, como se pode ver na expressão que ele usa falando de Adão: “o qual é figura (*typos*) daquele que deveria vir (v.14).

Cristo está para a humanidade redimida do mesmo modo como Adão está para a humanidade pecadora (vv 15-17). Uma causa singular (única) produz um efeito universal. E um efeito avassalador: o **pecado** que entrou no mundo e com o pecado, a

morte, que por sua vez atingiu a todos. Pecado, aqui, não significa tão somente o ato pessoal de transgressão (*hamartia*), mas certamente é a força negativa, operativa do mal que domina a humanidade e da qual ninguém escapa. Por isso deveria ser escrito com inicial maiúscula: *Pecado*. E do mesmo modo a Morte. Não significa apenas o desenlace físico, mas também a frustração absoluta, a condenação eterna (vv.18 e 12).

A morte, diz o texto, atingiu a todos “porque todos pecaram” (v 12). A Vulgata traduz assim esse versículo: “*in quo omnes peccaverunt*” (**no qual** todos pecaram). E foi nessa tradução quem se baseou Santo Agostinho para fundamentar e ensinar a doutrina do pecado original - que depois passou para a Teologia.

Esse inciso é muito discutido porque dependendo da tradução o sentido teológico muda. O texto grego diz: *eph'ō*(= pois que). A tradução do inciso seria: “a morte atingiu a todos **pois que** todos

pecaram”. Mas S. Jerônimo confundiu com *en'ō*(em que, no qual) (cfL. **Cerfaux**, *Cristonella teologia di S. Paolo*, Ed. AVE, Roma 1971, p. 196).

Assim dá à expressão um sentido causal: “Por causa daquele que”. Isso significaria que foi Adão que pecou e di-

fundiu o pecado para todos!. A tradução da maioria dos intérpretes dá, porém, à expressão o valor de conjunção: “ pois que todos pecaram como também Adão pecara”..;

Concluindo:

Em outro pequeno bloco (vv.20-21) Paulo trabalha o tema Lei mosaica e lei da justiça. Divide a história humana em dois tempos: **antes** da lei mosaica e **depois**. Para o período que vai de Moisés a Cristo ele é bem claro: “A Lei sobreveio para dar plena consciência da falta” (v.20). Isso não quer dizer que a finalidade da Lei foi a de provocar o pecado. A Lei, porém, é que manifesta o pecado, pois este é uma transgressão da lei. Ele acentua o papel “negativo” da Lei fazendo surgir o pecado para ressaltar que a graça de Jesus Cristo foi muito mais abundante.

Mas Paulo afirmara em 4,15: “onde não há lei não há pecado”.Mas aqui (5,13) afirma que o pecado existia antes da Lei de Moisés; porém, não poderia ser imputado exatamente porque não havia Lei. Se o pecado não podia ser imputado (“*o pecado não pode ser levado em conta onde não existe lei*” (v 13b), não poderia também a morte reinar sobre todos. Mas observa ele: “a morte reinou de Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não haviam pecado”.O que significa isso?

Parece claro que para Paulo a ausência da Lei não significa a ausência do pecado e da morte. Pois realmente todos os homens pecam. Se não na forma de uma transgressão formal de um mandamento objetivo, pelo menos como ser frágil que

erra, pois vive na atmosfera negativa que se chama Pecado (*hamártema*). Sobre todos então paira a morte.

Os dois versículos finais assinalam o porquê da Lei nesse processo de morte e vida. (Ler vv. 21-22).

A Lei tem Importância secundária, por isso ele que, diz que “a morte sobreveio”, (*diêthen*, v. 12), isto é, tem uma função negativa, ela é algo intermediário, *não é a realidade originária e criada por Deus desde início. Ela se inseriu (sobreveio) na história da humanidade como consequência do pecado.*

Para S. Paulo a morte não entra na reflexão como um valor mas apenas como um termo de comparação para sublinhar com sua negatividade a positividade da ação salvífica de Cristo: onde abundou o pecado e a morte, superabundou a graça;

O vers. 21 repete o princípio do v. 20: o pecado e a morte fazem o contraste para a graça, a justiça e a vida eterna (que são conceitos análogos).

As palavras finais: “*por meio de nosso Senhor Jesus Cristo*” constituem uma conclusão que exalta a ação libertadora, salvífica de Cristo. A ele os cristãos devem sua condição de paz e esperança (cf 5,1-11). A fórmula final é cristológica e idêntica à fórmula de 5,11 que encerra o bloco anterior e abre o novo bloco de 5,12-21 – que acabamos de ver.

No cap. 6 São Paulo conclui esse pensamento. È pelo Batismo que o cristão entra na atmosfera purificada de Cristo e se incorpora à luta pela vida e não pela morte. Nessa luta o pecado ainda leva o cristão à tensão: solicita-o para a morte, quando o batismo o chama a vida. O cristão é um ser capacitado por Jesus Cristo pelo Batismo, para **lutar eficazmente contra pecado original** (= estrutural) em que todos nascemos. Tem o cristão a força da Ressurreição para renovar o ambiente pesado da História humana. Ele é um novo Adão, novo homem, gerador da vida e não da morte como o outro Adão.

No cap. 7 Paulo mostra que a Lei, apesar de santa, justa e boa (7,12) não podia por si realizar esse ideal humano de superar a negatividade e capacitar o homem para lutar pela vida. A Lei porém, e boa, santa, pois era um projeto de Deus para a realização do homem. Não levou o homem a essa realização porque de um lado o **homem e carne**, isso é um ser até então (antes de Cristo Jesus) entregue às suas próprias forças e potencialidades; e doutro lado a Lei não podia dar a plenitude que o homem exige, pois essa só foi possível pela **dinamis** do Espírito Santo. A Lei era a pedagoga. Indicava o caminho da realização humana e para ele conduzia. Diante da Lei o homem sentia o dilema: o projeto de Deus que o chamava para realizar-se seguindo a sua vontade (de Deus) e a dificuldade em realizar tal projeto porque ele, homem, era **carne** (basar), isto é, sujeito as suas forças e precariedades. (7,15-25). Esse dilema é resolvido pela graça de Cristo. Paulo o diz no **cap.8**. A nova lei é a lei de

Cristo do Espírito, da vida. Essa, tem a força, comunica-a ao homem, capacitando-o a realizar-se, dando-lhe o sentido da vida.

● Capítulos 9-11

Nesses capítulos Paulo debate um tema polêmico- para os judeus: a **eleição de todos os povos**. Israel foi uma preparação do Povo de Deus do NT Paulo deixa-se aqui envolver pela emotividade do tema, já que ele era judeu de um lado, e doutro era o Apóstolo dos gentios. Preocupa-se com o seu povo: “quisera ser eu mesmo anátema...” (9,3), com isso significando- que a semelhança de Cristo que morreu por todos (“fazendo-se anátema, maldição, por nós” (Gl.3,13.) ele também estava disposto morrer pelo seu povo para salvá-lo ou liberta-lo. Mas reconhece que o Judaísmo, embora detentor das promessas divinas, já tinha perdido seu significado e papel religioso. Estava fora do plano da salvação.

A partir disso Paulo expõe o seu evangelho: Jesus não é monopólio dos judeus, nem dos cristãos, mas de todos os homens. É abertura do universalismo salvífico.

● Capítulos 12-16

Nesses capítulos estão as exortações paulinas sobre a vida de comunidade; a caridade e o bom relacionamento entre os irmãos (12). No cap 13 fala da submissão à autoridade; não no sentido de servilismo ou de cega obediência, como pode parecer no texto (ler 13,1-10). Uma leitura crítica do texto mostra que para Paulo a autoridade deve ser obedecida enquanto representa o senhorio único e absoluto de Cristo. Na medida em que a autoridade se despe da representação do poder de Cristo que é serviço, se reveste dos “poderes demoníacos”. No NT essa idéia aparece mais vezes, principalmente no Apocalipse, onde o Estado aparece como inimigo dos cristãos exatamente por se pensar que o Estado era a encarnação desse poderes demoníacos. O Cristianismo, em Paulo, inaugura uma ética crítica diante do Estado.

Finalizando a Carta, Paulo fala da caridade fraterna, da mútua convivência e faz recomendações especiais.

Síntese - Fazendo um resumo podemos dizer que a Carta aos Romanos trabalha os seguintes conceitos teológicos fundamentais:

- **O Problema da Justificação:** o homem por si não pode observar a Lei e conformar-se à vontade de Deus. A Lei não pode dar a justificação. Só em Cristo o homem alcança a justiça e se torna amigo de Deus.

- **A Lei:** A Lei antiga não dava forças para o homem cumpri-la.

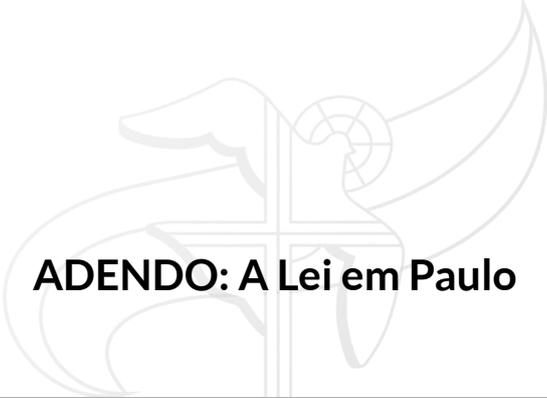
Até piorava o estado do homem, mostrando-lhe o que devia fazer e não fornecendo os meios. Com Jesus Cristo cai o poder dessa Lei. A nova Lei é a do Espírito (8,2) que superando a Lei mosaica (3,31;8,4) se constitui na nova norma de vida.

- **O pecado** - como transgressão pessoal, esvaziamento, força negativa que atua na história e polui a vida.

- **Cristologia:** Não tanto desenvolvida, como em outras Cartas (p.ex. Ef., Cl.) Jesus Cristo é apresentado como o Salvador, centro de toda a ação reveladora do Antigo Testamento (1,2-3) e ponto de chegada da Lei (10,4) . É o Filho de Deus enviado ao mundo, tomando forma na **carne pecadora** (8,3) destruindo o pecado por sua morte (6,6;8,3.10) e conferindo a vida plena ao homem pelo Batismo (6,5). É o antítipo de Adão.

A fé: Veículo de Adesão a pessoa de Jesus Cristo e de compromisso com Ele. A fé advém da escuta da Palavra (1,5;16,20). A fé é manifestada pelo testemunho de vida e na Celebração litúrgica (10,10).

- **O Espírito Santo:** é o dinamizador da Igreja, Força operativa do NT. Age e opera no homem batizado; faz o homem co-participante da vida divina (8,15-16) . (cf. **NuovaVersione NT. vo1 . 2 p . 459ss**



ADENDO: A Lei em Paulo

Em Paulo a palavra “Lei” tem sentido ambíguo, como na teologia rabínica. Podia significar um código constitutivo e consolidado de um povo, como também podia significar uma situação histórica para a libertação e salvação da humanidade.

Em Paulo percebe-se uma tensão entre Lei-História e Lei-conteúdo. Essa ambiguidade atrevesse todo o pensamento paulino expresso em suas cartas.

No Novo Testamento é mais frequente o conceito Lei-conteúdo e geralmente é entendida como expressão da vontade santa de Deus (Rm 3,19; 4,15; 7,1 etc.); e também pode se referir à Lei de Deus no Pentateuco (Rm 3,19.21;7,7; 13,8; Gl 14,2). Ainda: lei como expressão da vontade de Deus está presente também na consciência interior do pagão (Rm 2,14-15).

Na época rabínica a Lei tornou-se instrumento manipulável nas mãos dos doutores da lei e dos fariseus, que a convertiam num sucedâneo de Deus, num substitutivo de sua vontade. Mas Deus estava longe da Lei, uma vez que ela agia magicamente em seu nome. Os responsáveis pelo povo se fizeram “vigários de Deus” e manipulavam a Lei à vontade, interpretavam-na e aplicavam-na de acordo com os seus interesses (até econômicos).

Contra essa concepção de Lei é que se levanta Paulo. Faz a distinção entre Lei e Cristo. Reduz a Lei ao seu significado primário de instrumento a serviço do homem. Não nega o seu valor moral de princípios de conduta mas a faz instrumento a serviço do homem e não o homem a serviço da Lei. Por outro lado afirma que Cristo é agora a nova Lei. Ele pode suspender ou mudar a Lei antiga quando o bem da pessoa o exige (RUIZ,J.O **Evangelho de Paulo**. São Paulo: Vozes, 1999, p. 222).

Todos os que creem em Cristo e a ele aderem e com ele se comprometem, foram libertados da escravidão da Lei. Pertencem assim a Deus, e não estão mais sob o domínio do pecado, da letra que mata e da morte. Eles vivem agora sob a sombra da justiça (Rm 6,15-23) e do Espírito (7,1-6).

A força dominadora do mundo (o demiurgo, o eôn antigo) caracteriza-se pelo domínio do pecado, da Lei e da morte. O poder e o “eôn novo” caracterizam novo poder revelado pela justiça de Deus. O homem não está mais sujeito agora ao pecado e à morte, mas sob o poder da justiça e do Espírito.

A Lei, como lei, pertence ao tempo antigo; o novo tempo não se caracteriza somente pela libertação do pecado e da morte, mas também pela libertação da Lei.

Em Rm 8,3-4 Paulo diz que a justiça prevista pela Lei, pode ser observada pelo novo homem porque o Filho de Deus se fazendo homem “condenou o pecado na carne a fim de que a justiça, prescrita pela Lei fosse realizada em nós”. Isso significa que a lei a ser observada é a lei do amor ao próximo como a si mesmo (Rm 13,8-10) Se a justiça de Deus em Cristo significa libertação da Lei, essa libertação é a condição necessária para que o novo homem possa cumprir a nova lei. Há uma tensão na dialética entre a Boa-nova de libertação da Lei e a exortação para cumprir as exigências da nova Lei (resumida no mandamento do amor ao próximo como a si mesmo).

Segundo Paulo, a Lei é boa e santa em si mesma (Rm 7,7), mas ao mesmo tempo leva o homem à morte (Rm 7,7-25), porque o homem que quer cumprir a Lei se vê preso a um círculo vicioso: de um lado, quer cumprir a Lei que ele sabe que é a vontade de Deus, mas doutro, não pode fazer o que quer e faz o que não quer (7,7-25) (MARGUERAT, **Novo Testamento. História, cultura e teologia.** p. 229).

Para alguns especialistas em Paulo, a palavra lei tem dois sentidos um literal, outro figurativo; também tem sentido diverso se vem com ou sem artigo: *nómos*(lei) e *hónómos*(a lei).

Para Fitzmyer, *hónómos* ou *nómos* significa sempre para Paulo a Lei mosaica, sem qualquer distinção, excetuando algumas passagens onde vem explicitamente delimitada, como por ex. lei de fé (Rm 3,27), lei do Espírito (Gl 6,2), ou pelo contexto (Rm 2,14; 7,2-3. 21–25).

Paulo personifica a lei assim como personificou o pecado (*hamartia*) e a morte (*thánatos*). Para ele, a Lei, *nomos*, é como um ator que exerce seu papel no palco da humanidade. Acabou o espetáculo saiu de cena.

Pela transgressão de Adão, o pecado e a morte entraram no mundo, mas os homens começaram a pecar somente quando a Lei mosaica entrou em cena, trazendo consigo o “conhecimento do pecado” (Rm 3,20).

Paulo reconhecia que a Lei era boa e santa, como foi dito, mas por si mesma a Lei não produzia a justiça. Ele cita o salmo 143,2: “Nenhum homem é justificado diante de Deus” e acrescenta: “em virtude das obras da Lei” (Rm 3,20.21–28; 8,3). Apesar de terem a Lei, os judeus eram mais pecadores que os gentios (Rm 2,17-24). Isso porque a Lei só dava uma norma extrínseca, sem dar, porém, a força (*dýnamis*) para pô-la em prática. Por isso, diz, a Lei multiplica o pecado (Gl 3,19; Rm 5,20; 7,13), porque ela se tornou a força do pecado (1Cor 15,56). Ela era uma ocasião para o pecado ao proibir algo em si indiferente ou por despertar a concupiscência pelo “fruto proibido” (Rm 7,5.8.11).

A Lei era importante somente por ser uma referência para o conhecimento claro do pecado (Rm 3,20), isto é, a compreensão da desordem moral como rebelião

contra Deus. Esse conhecimento não existia antes da Lei de Moiss (Rm 5,13; 4,15; 7,8-9).

Pior ainda é que a Lei amaldiçoava quem não a cumprisse (Gn 3,10; Dt 27,26). Então, a Lei que deveria ser vida para o homem veio tornar-se morte para ele (Rm 7,10)?

Paulo percebe as graves acusações que faz contra a Lei (Rm 27,13). Ela era instrumento de hamartia (pecado).

Mas por que Deus permitiu isso: uma lei que em si era boa e santa ser instrumento de pecado? Ele responde em Gálatas dizendo primeiramente que a Lei era temporária (2,23). Ela foi apenas pedagoga para levar os homens a Cristo. Depois, em Roma, ele diz que a falha, o pecado, são devidos ao próprio homem que é “*sarkinós*” isto é carnal, limitado. A dificuldade toda foi resolvida por Cristo e por ele somente. Foi para que fossemos livres que ele Mas pela sua morte a maldição da Lei foi vencida nos libertou (Gl 5,1; Rm 7,4.25; 8,1-2; 6,14; 10,4).

O cristão morreu para a Lei porque pelo Batismo foi crucificado com o Cristo o qual morreu pela Lei mosaica (Gl 2,19). A Lei não aceitou Jesus Cristo, o rejeitou. Mas pela sua morte, a maldição da Lei foi vencida.



BREVE ESTUDO SOBRE A VIDA DO APÓSTOLO PAULO

1. Quem é Paulo

São Paulo é a figura mais acessível do Novo Testamento. Pelas suas cartas podemos conhecer sua pessoa, seu pensamento e seu imenso trabalho missionário. Os Atos dos Apóstolos trazem alguns elementos importantes de sua vida, embora não façam uma biografia dele.

De fato, é praticamente impossível fazer uma biografia completa de Paulo - vida e obra. Até hoje, estudiosos e historiadores que se propuseram tal tarefa não chegaram a um acordo e certamente nunca chegarão. Na verdade, fazer uma biografia desse grande teólogo das origens da Igreja seria algo muito importante porque sua teologia e seus escritos estão ligados ou condicionados histórica, política e socialmente à sua vida, agitada, profundamente densa de sentido e altamente produtiva, teológica e pastoralmente (BARBAGLIO, G. **Le Letteredi Paolo**, Roma: Borla, 1980, pág. 13-14).

Um conhecido especialista em Paulo e de vasta produção literária sobre o apóstolo, escreveu uma biografia dele e deu-lhe o título de “Paulo, Biografia crítica”. E esclarece que o significado de “crítica” é exatamente o de amplitude de sentidos, algo “crucial”, difícil (cf. **J. Murphy O’Connor**, Paulo. *Biografia crítica*, Loyola, 2000, p. 9). Se os grandes especialistas têm dificuldade para acessar a vida do Apóstolo, a tarefa se torna praticamente impossível para diletantes. Por isso o que vai exposto aqui é apenas síntese do que conhecemos hoje sobre a vida do Apóstolo. São informações que podem ser reformadas.

Paulo nasceu em Tarso, (hoje TarsusÇay), grande e importante cidade da Cilícia, uma província romana, situada nos confins meridionais da Ásia Menor, região que corresponde hoje à atual Turquia (At 9,11; 21,39; 22,3; cf 9,30 e 11,25).

No tempo de Paulo tinha, segundo historiadores, cerca de 300 mil habitantes. Era importante centro cultural, onde predominavam as artes, a ciência, a literatura e as religiões.

Seus pais eram judeus praticantes e haviam migrado para Tarso, saindo da Palestina. Em Tarso já havia uma grande comunidade de judeus, muito organizada e com sua sinagoga. Formavam a chamada Comunidade da **diáspora** - palavra que significa dispersão, separação (os que moram fora)

Ele foi educado numa família que seguia a tradição religiosa dos fariseus. Estes constituíam um grupo conservador, espécie de “direita” religiosa; observantes das mais antigas tradições de Israel, incluindo as minúcias da Lei. “Os fariseus tinham imposto ao povo muitas leis das tradições dos pais que não estão escritas na Lei de Moisés”, escreveu Flávio Josefo, historiador judeu (*Antiguidades judaicas* 13, 297). Eram politicamente nacionalistas, lutavam contra as leis e os costumes dos romanos que dificultavam a fiel observância da lei de Deus, como por ex., prestar culto ao imperador, trabalhar aos sábados, prestar serviço militar etc. **(MESTERS, C. Paulo Apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho, São Paulo: Paulus 1991, p.16).**

Os fariseus consideravam-se *separados* dos outros povos, pois estes eram gentios, pagãos; consideravam-se separados até de seus concidadãos pobres e ignorantes, pois a ignorância deles os impedia de conhecer a Lei de Moisés e as tradições, retardando assim a vinda do Messias - pois este somente viria quando todos conhecessem toda a Lei. O nome fariseu (**perushim** em hebraico) significa isso mesmo: “os separados”. Embora fossem numerosos, eles constituíam minoria dentro do judaísmo **(SAULNIER, C. ROLAND, B. A Palestina no tempo de Jesus, Lisboa: Difusora Bíblica, 1993, 64-65)**

Paulo nasceu, cresceu e foi educado nesse ambiente e depois em Jerusalém, como ele mesmo diz (At 22,3; 26,4-5) onde também morava sua irmã casada (At 23,16). A cidade de Tarso foi dominada depois pelos romanos. Por isso Paulo adotou dois nomes, um para cada cultura: **Saulo**, seu nome hebraico (At 7,58; 8,1.3; 9,1.8.11.22.24; 11,25-30; 12,25; 13,1.2.7.90) e **Paulo**, forma grega do sobrenome romano Paulus (= pequeno), que vai aparecer nos Atos dos Apóstolos a partir de 13,9. Ele vai usar sempre o nome de Paulo. Muitos judeus da diáspora adotavam esse costume de juntar um nome romano ou grego ao próprio nome hebraico.

Nas Cartas o nome que aparece é sempre Paulo. Os Atos o chamam ora de Saulo (**shaul**= o desejado) (7,58; 8,1.3; 9,1.8.11.22.24; 11,25-30; 12,25; 13,1.2.7.9), ora de Paulo (a partir de 13,9). Com o nome de Saulo ele aparece 20 vezes nos Atos; e como Paulo aparece a partir de At 13,9, 142 vezes; mais 29 vezes em suas cartas, e uma vez em Pedro (Pe 3,15) perfazendo um total de 172 vezes

Paulo é, pois, um judeu da diáspora, com formação judaico-greco-helenista (At 17,28). Por isso ele vai ser muito mais aberto às diversas culturas quando se torna missionário.

Segundo alguns autores, Paulo fez estudos rabínicos na melhor escola da época, sob orientação do rabino Gamaliel (At 22,3); para outros, contemporâneos, a formação dele não foi rabínica e nem farisaica. Essas informações, dizem, “fazem parte do esforço de Lucas de elevar o *status* de Paulo, fazendo com que tudo tivesse início em Jerusalém. Faz parte também dessa supervalorizaçãolucana de *status* de

Paulo as informações de sua cidadania em Tarso por nascimento (At 9,11; 21,39;22,3) e sua cidadania romana por herança de família. Paulo nunca mencionou sua cidadania romana. BRUCE,F.F, **Dicionário de Paulo e suas cartas**, 940; **CROSSAN, J.D.-REED, J.L** **Em busca de Paulo**, São Paulo: Paulinas, 2007, 16).

Em vista de tudo isso, é dito que a biografia de Paulo tem duas vertentes: uma apresentada por ele nas Cartas e outra, apresentada por Lucas nos Atos dos Apóstolos (At 13-28). Há um Paulo *Paulino*, e um Paulo *Lucano*. Para Lucas, Paulo é um herói; há certo triunfalismo nas suas narrativas sobre ele em Atos.

Para grande parte de autores as Cartas constituem a única fonte confiável para conhecer a vida de Paulo; as informações dos Atos, dizem, seriam um escrito secundário (RUIZ-GONZALES, J.M.G. **O Evangelho de Paulo**, Vozes, 1999, 10).

São pontos de vista diferentes. Hoje em dia parece haver consenso entre os especialistas que afirmam ser inegável certos pontos de divergência entre as informações dos Atos sobre Paulo e as informações do próprio Paulo em sua cartas. Negar tais divergências defendendo unicidade de informações sobre Paulo nesses escritos seria certo radicalismo que se distanciaria da verdade histórica. Os escritos de Paulo e as informações dos Atos sobre ele são realmente as duas principais fontes para conhecê-lo. Mas Paulo é o autor das cartas e os Atos nada dizem sobre suas cartas. (RUIZ GONZALES,11).

Paulo, o fariseu

Paulo diz em suas cartas que era um fariseu convicto, fiel observante da Lei e das tradições éticas e religiosas do judaísmo. Diz que era tão zeloso na observância da Lei que em breve progredira muito mais na fé religiosa do que a maior parte dos compatriotas de sua idade (Gl 1,14; Fl 3,5-6). Conseguiu se destacar pelos estudos que fez. Os estudos no seu tempo abrangiam quatro matérias: estudo da **Torá** (decoreção dos textos), estudo da **Halacá** - que é a tradição dos antigos conforme os fariseus, o estudo da **Hagadá** - que são narrações históricas moralistas da Bíblia e as leis do **Midrash**- que são leis da interpretação bíblica (cf. **C. Mesters**, “Entrevista com Paulo”, Curso Bíblico de Lins, p.2). [*halacá* = vem do verbo *hallak*, que quer dizer caminhar, andar, daí “regra de conduta” ; *hagadá* = do verbo *higgid*, que quer dizer anunciar, revelar; e *midrash* = do verbo *darash* que quer dizer explicar].

Por sua fidelidade à Lei e à sua formação farisaica é que ele toma partido contra os cristãos. Ele não podia permitir o desenvolvimento de uma religião nova que se opunha à Lei e à sua nação. Por isso se propôs arrasá-la. No original grego Paulo escreveu assim em Gl 1,13b: “Ouvistes, pois a minha conduta de outrora no judaísmo que com excesso

(*kathahyperbolén*= com excesso, ou sobremaneira) eu perseguia a Igreja de Deus e a devastava (*epórtoun* = arrasar, devastar)”A expressão “com excesso” significa perseguir “fanaticamente”. “O verbo “devastar” usado no imperfeito, tem o sentido de ação progressiva e final, ou seja, Paulo perseguia fanaticamente desde algum tempo a Igreja com a finalidade de destruí-la” (PERUZZO, J.A. “Paulo diante do cristianismo nascente”, em **Atualidade Teológica**, PUC-RIO, ano XIII, 2009, fasc 31, p.99).

Disso ele vai arrepender-se mais tarde e humilhar-se 1Cor 15,8-9). Em Fl 3,6 ele diz que era o zelo que o levava a perseguir os cristãos, porque eles desvirtuavam a genuína fé judaica pregando como Filho de Deus Jesus de Nazaré – crucificado! Era para ele impiedade e declarada heresia declarar Filho de Deus, Messias, uma pessoa que a Lei amaldiçoava por ter sido crucificado (Dt 21,23)

Foram, de fato, sua fé judaica e sua formação farisaica que o levaram a perseguir duramente a “seita” cristã, tanto na Palestina quanto na Diáspora (Fl 3,5-6).

Saulo vai ser a figura central de Atos 9,1-19 quando vem narrada a sua conversão. O farisaísmo de Paulo não tem a conotação negativa passada pelo evangelho de Mateus (23,1-36) que os chama de hipócritas, sepulcros caiados, raça de víboras, exploradores, guias de cegos. Como foi lembrado, os fariseus formavam um partido religioso leigo judaico que se dedicava a estudar profundamente a Lei de Moisés e a conservar religiosamente as tradições dos antepassados (*halacá*) principalmente sobre o sábado, a pureza ritual e os dízimos. Gozavam de grande prestígio entre o povo.

Paulo nunca renegou sua pertença ao farisaísmo, pelo contrário, sempre mostrou orgulho de pertencer a essa corrente político-religiosa conservadora. Isso ele o diz em Gl 1,14 e Fl 3,5-6 . Sua identidade judaica é clara nesses textos, não sendo necessário recorrer às narrativas dos Atos dos Apóstolos. Hoje em dia alguns estudiosos do paulinismo afirmam que Paulo “não era nem especificamente judeu e nem especificamente grego”. Ele está sem dúvida dentro do judaísmo, mas era um judeu helenista de Tarso e vivia em um ambiente em que o Judaísmo havia sofrido de diversos modos um processo de helenização (cf. PENNA, R. “Paulo de Tarso e os componentes gregos do seu pensamento”, em **Atualidade Teológica**, PUC-RIO, ano XIII, 2009, fasc 31, p.56).

A “conversão”

Lucas faz três narrações sobre a conversão de Paulo (At 9,1- 9; 22,5-16 e 26,9-18) No primeiro texto é Lucas quem fala; nos dois outros é Paulo quem fala (mas pela interpretação de Lucas). Há divergências entre as três narrativas quanto à reação dos compa-

nheiros de Paulo, mas são irrelevantes, pois esse relato é uma montagem literário-teológica para transmitir uma grande verdade: o caráter sobrenatural da vocação de Paulo. Por ser sobrenatural é impossível descrevê-la. Os relatos falam de queda, de brilho, de luz e cegueira, de mudança radical (At 9,4; 22,7; 26,14). São narrações simbólico-teofânicas de Lucas que pretendem mostrar a semelhança de Paulo com os profetas do AT e suas missões: para ser o grande profeta, o grande pregador do NT, ele é **derrubado**, ofuscado pela chamada de Deus como o foram os grandes profetas do AT. Os elementos comuns nessas narrativas de vocação e missão (tanto dos profetas do AT quanto de Paulo) são exatamente a queda, brilho, cegueira, mudança radical

A **queda**. Deus o derrubou (At 9,4; 22,7 e 26,14) como derrubara Jeremias que resistia ao chamado de Deus para a missão: “*foste mais forte do que eu e me derrubaste*” (Jr 20,7)

O **brilho e a cegueira**: o encontro de Paulo com o Cristo e a iluminação que o envolveu se assemelham à experiência de Ezequiel. A vocação profética de Ezequiel para uma missão se inicia com uma grande experiência de Deus, profunda, inexprimível, inenarrável: “*..vi em volta dele uma coisa como brilho faiscante, parecendo fogo, bem junto dele... havia algo brilhante como o fogo, em toda a volta. Esse brilho em volta dele parecia o arco-íris... Quando vi, caí imediatamente com o rosto no chão e ouvi a voz de alguém que falava comigo*” (Ez 1,27-28)

Ele chama sua experiência de **encontro** (1Cor 9,1) com o Ressuscitado no qual foi **conquistado** (Fl 3,12) pela graça (1Cor 15,10), pela misericórdia do Senhor (1Cor 7,25 e 2Cor 4,1). Acrescenta que essa experiência no caminho para Damasco foi a mesma que os apóstolos tiveram com as aparições do Cristo Ressuscitado. Ele teve a mesma experiência, embora em último lugar, como se fosse um filho abortivo (I Coríntios 15,7-8). A experiência dos apóstolos foi como um “parto normal” para Cristo e a de Paulo foi um parto também, mas como se fosse “abortivo”. Por igual experiência ele é também e igualmente verdadeiro apóstolo (I Cor 15,3-10).

Na citada passagem de I Cor 15,7-8, Paulo diz “Em último lugar *apareceu* a mim” Ele teve um **encontro** real com o Senhor Ressuscitado. O verbo grego usado por ele aqui, ôphthê, (aoristo passivo de *oráo*- ver) que significa “apresentação de algo que se oferece para ser visto realmente”

(*conspiciendum se praebet*) como ensina o especialista Zorrel (**Lexicon Graecum Novi Testamenti**). Jesus se manifestou a ele. O agente ativo da manifestação foi Jesus. Paulo foi o receptor da manifestação. Um exemplo semelhante na aparição de Deus a Abraão (Gn 12,7) confirma essa interpretação: “O Senhor **apareceu** a Abraão”. Os gregos (LXX) traduziram o hebraico (*wayyera'*) por ôphthê também – indicando a ação concreta de Deus e a recepção de Abraão. De modo que o texto sublinha a concreticidade do encontro de Paulo com o Ressuscitado (cf. CONNOR, J.M., op. cit. p.

91). Em Atos 9,27 Barnabé relata aos apóstolos que Paulo “tinha visto” (*eiden* - aoristo segundo, forma narrativa); o Senhor realmente se manifestara a ele.

Ademais Paulo diz ainda que “foi conquistado” pelo Senhor (Fl 3,12). Também aqui é importante conhecer o sentido do verbo grego usado por Paulo. O verbo é **katalambanô**. Esse verbo significa ser pego, ser agarrado, ser tomado. A maioria das Bíblias, porém, traduzem por “ser alcançado” – que deve ser entendido como a ação de alguém que é subjugado, dominado (como traduz a TEB).

Essa breve análise quer mostrar que a conversão de Paulo, foi mais um encontro pessoal dele com o Ressuscitado, que o envolveu e arrastou do que um renegar e abandonar toda sua tradição religiosa e sua fé na Lei. Todavia, dada a complexidade do fato e dos relatos, nós nunca saberemos como foi esse encontro. “Paulo nunca falou com detalhes desse acontecimento que mudou sua vida. Penso que podia supor que todos já conheciam o essencial dessa sua história, todos sabiam que de perseguidor havia sido transformado em apóstolo fervoroso de Cristo. E isso não havia acontecido após uma reflexão própria, mas depois de um acontecimento forte, de um encontro com o Ressuscitado. Ele assinala em muitas ocasiões esse fato importantíssimo, isto é, que ele também é testemunha da Ressurreição de Cristo, cuja revelação recebeu diretamente do mesmo Jesus, juntamente com a missão de apóstolo” (**Bento XVI**, Audiência Geral, *Alocução, 3 de setembro de 2008*).

“O que realmente aconteceu com Paulo, diz um conhecido especialista, deve permanecer sempre um mistério” (J. **Murphy**, op. cit. pag. 92). Ele mesmo não fala de conversão. Ele passou para um patamar superior sem negar as escadas por onde subiu. Embora importantes, ele as superou, mas guarda tem obrigações para com ela

A consequência do encontro e envolvimento de Paulo com o Ressuscitado foi o imediato despojamento dele, de mente, coração e tradições: deixar todo o passado e começar coisa nova: “O

que era para mim lucro eu tive como perda por amor a Cristo”, Fl 3,8);

“deixei tudo para trás “ (Fl 3,13), “avanço para a frente”; “por causa dele perdi tudo e considero tudo lixo, a fim de ganhar Cristo” (Fl 3,8).

Tal ruptura os Atos descrevem como cegueira: “cego por três dias (At 9,9). A experiência foi tão forte que ficou por três dias elaborando-a: deixar a Lei que não justificava e receber a graça e justificação (Rm 3,19-24). De insolente e perseguidor a apóstolo e evangelizador: “Eu não fui rebelde à visão celeste” (At 26, 19).

E o passo seguinte foi o da maturação, de reflexão sobre o acontecimento. Nesse período tem importância o catecumenato com Barnabé (At 9,26-28; 11,25-26; 12,24), sua partida para retiro na Arábia (Gl 1,17) e a difícil inserção na Comunidade de Jerusalém como o diz o próprio Paulo em Gálatas: “... as igrejas de Cristo na Judéia não me conheciam pessoalmente. Elas apenas ouviam dizer: ‘Aquele que nos

perseguiu, agora está anunciando a fé que antes procurava destruir” (Gl 1,22-23); e os Atos acrescentam: “ Saulo chegou a Jerusalém, e procurava juntar-se aos discípulos. Mas todos tinham medo dele, pois não acreditavam que ele fosse discípulo” (Atos 9,26). Ele deixa Jerusalém: “fui para as regiões da Síria e da Cilícia (Gl1,21); Catorze anos depois voltei a Jerusalém com Barnabé.. Fui lá seguindo uma revelação. Expus a eles o evangelho que anuncio aos pagãos, mas o expus reservadamente às pessoas mais notáveis, para não me arriscar a correr ou ter corrido em vão” (Gl 2,1-2).

A conversão de Paulo teve seu **ponto de partida** na morte de Estevão - dizem hoje os especialistas. Ali a graça começou atuar. Ele era um judeu fiel à Lei, observante da Aliança, procurava fazer o bem, ser justo, mas não conseguia tudo o que a lei e a doutrina dos fariseus exigiam dele. Era um homem ainda à procura da paz de consciência; um homem atormentado, procurando algo mais (Rm 7,14-24).

Nesse contexto entra o episódio do martírio de Estevão. O testemunho dele abalou o mundo de Paulo e questionou radicalmente o caminho que ele seguia para alcançar a justiça e paz com Deus que ele tanto procurava. Estevão ao morrer dizia ver os céus abertos e Jesus de pé à direita de Deus para acolhê-lo; apedrejado, perdoava, tranquilo com a própria consciência. No apedrejamento as vestes arrancadas a Estevão foram colocadas aos pés de Saulo (A respeito das “vestes arrancadas” e colocadas aos pés de Saulo, o **Comentário Judaico do Novo Testamento** (São Paulo: Ed. ATOS, 2008, p. 277) diz que o autor dos Atos certamente não compreendia o contexto judaico da palavra *sudar*

(que é hebraico antigo) e não significa manto, mas bandeira de sinalização.

Era a bandeira que um cavaleiro segurava e que podia levantá-la, impedindo o apedrejamento,). Essas vestes falaram muito a Saulo. Deu partida à crise interior. Estevão morria como justo. Al-

cançava a justiça que Paulo procurava na lei. Um dilema para ele: ou ele estava certo observando na íntegra a Lei ou Estevão estava certo morrendo na certeza de estar sendo recebido por Deus. Eram caminhos diferentes e opostos. Paulo pretendia abafar a voz de sua consciência. Estevão estaria errado, por isso ele aprovou sua morte. E na convicção de estar prestando um serviço a Deus e à tradição dos pais, é que decidiu perseguir os cristãos. Ele estava fugindo de si e de Deus. Foi então nesse contexto que explodiu a experiência de Damasco. (MESTERS, C., **Paulo Apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho**, p. 22-23).

Uma síntese da vida de Paulo é feita por ele mesmo:

“Eu sou judeu, nascido em Tarso, na Província romana da Cilícia, cidade de certo renome”. Fui criado e educado na mais estrita fidelidade aos princípios e normas do judaísmo. Cidadão romano por direito. Eduquei-me na cidade de Jerusalém, aos pés do famoso mestre Gamaliel, na acurada observância da Lei de nossos pais, tal como é interpretada pelos fariseus. Era tão zeloso da tradição do meu povo que eu em breve progredi muito mais na minha fé religiosa do que a maioria dos meus contemporâneos. Poderia até dizer que era irrepreensível na minha observância à Lei do A.T.”(cf. At. 21,39; 22,3;22,28; Gl.1,13-14; Fl.3,5-6).

BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, Giorgio. O tempo que resta : Um comentário à Carta aos Romanos. São Paulo: Autêntica, 2016.
- AGOSTINHO, Santo. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos. (Col. Patrística). São Paulo: Paulus, 1988.
- BARBAGLIO, Giuseppe. As cartas de Paulo (II). São Paulo: Loyola, 1991.
- BARTH, Karl. Carta aos Romanos. São Paulo: Novo Século, 2003.
- BEAUCHAMP, Paul. Testamento Bíblico. São Paulo: Loyola, 2005.
- BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (org). Comentário bíblico. São Paulo: Loyola, 1999.
- BLANK, Renold J. Escatologia do mundo: O projeto cósmico de Deus. São Paulo: Paulus, 2001.
- BORTOLINI, José. Cómo leer la Carta a los Romanos: El Evangelio es la fuerza de Dios que salva. Bogotá: San Pablo, 2005.
- CASALEGNO, Alberto. Paulo: O Evangelho do amor fiel a Deus. São Paulo: Loyola, 2001.
- CONNOR, Jerome. Paulo: Biografia crítica. São Paulo: Loyola, 1999.
- CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. Em busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FABRIS, Rinaldo. As cartas de Paulo (III). São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. Para ler Paulo. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. Problemas e perspectivas das ciências bíblicas. São Paulo: Loyola, 1981.
- FLORES, José H. Prado. O segredo de Paulo (Col. Kerygma, 19). São Paulo: Loyola, 1996.
- HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. Dicionário de Paulo e suas cartas. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008.
- JARAMILLO, Alfonso Uribe. El Espíritu Santo actúa en nosotros. Bogotá: San Pablo, 1995.
- MAGALLÓN, Pedro Mendoza. Estar crucificado juntamente con Cristo: El nuevo status del creyente en Cristo (Estudio exegético-teológico de Gal 2,15-21 y Rm 6,5-11). Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2005.
- MALLA, José R. Mallén. Romanos: Serie de bosquejos comentados para predicadores. Michigan/USA: Porta Voz, 2000.
- MARGUERAT, Daniel. Novo Testamento: História, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2008.
- MESTERS, Carlos. Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho. São Leopoldo: CEBI, 1991.
- NUÑEZ, Miguel de Burgos. Pablo, predicador del Evangelio. Madrid: Edibesa, 1999.
- OSORIO, Carlos Castillo. Escritos paulinos y cartas católicas. México: Paulinas, 2008.
- PENNA, Romano. Paulo de Tarso e os componentes gregos do seu pensamento. Atualidade Teológica, Ano XIII, n.º 31, jan/abr. 2009.
- PERUZZO, Dom José Antônio. Paulo diante do cristianismo nascente. Atualidade Teológica, Ano XIII, n.º 31, jan/abr. 2009.
- PESCE, Mauro. As duas fases da pregação de Paulo: Da evangelização à comunidade. São Paulo: Loyola, 1996.
- RUIZ, José María Gonzáles. O Evangelho de Paulo. Petrópolis: Vozes, 1999.

www.rccbrasil.org.br



**Renovação
Carismática
Católica**

Brasil